

o outro lado da porta giratória

Em artigo publicado na Revista Psicologia em Estudo, do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, as autoras investigaram a percepção sobre apoio comunitário em usuários com alto número de internações, comparando com a de usuários de primeira internação. Confira resumo do artigo "O outro lado da porta giratória: apoio comunitário e saúde mental".

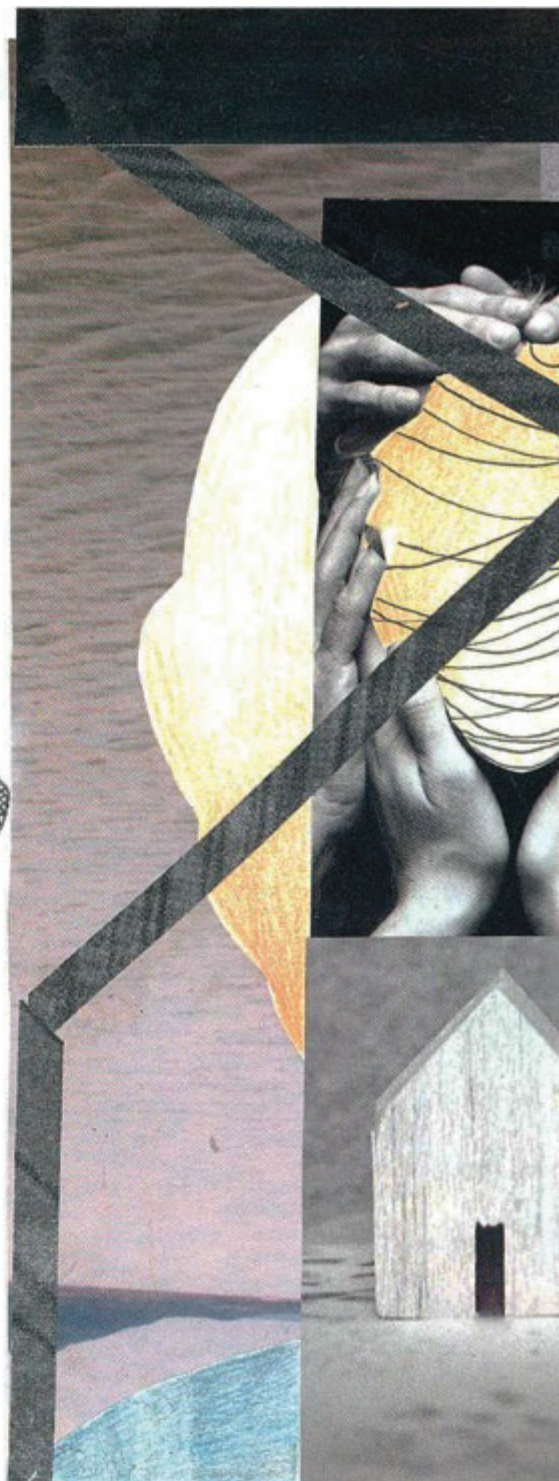
A Reforma Psiquiátrica tem como princípio fundamental o cuidado em liberdade e prevê a internação breve em hospital geral apenas quando esgotados os recursos extra-hospitalares. No entanto, as múltiplas reinternações em unidades psiquiátricas ainda são comuns no cotidiano hospitalar. O artigo avalia o que acontece para além dos portões do hospital, analisando elementos da vida comunitária dos portadores de sofrimento psíquico e se essas experiências se relacionam de alguma forma com a frequente necessidade de hospitalização.

Foi investigada a percepção sobre apoio comunitário em usuários com alto número de internações, comparando com a de usuários de primeira internação, na unidade psiquiátrica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

O texto mostra que esse problema não é exclusivo de um único hospital, pelo contrário, ele tem sido abordado em diferentes pesquisas ao redor do mundo e chamado de fenômeno da porta giratória ou *revolving door*.

Na pesquisa foram feitas dez entrevistas ao total, com cinco usuários com o mínimo de cinco internações psiquiátricas durante a vida e com cinco usuários que estavam em sua primeira internação psiquiátrica. Em cada grupo, quatro mulheres e seis homens, moradores de bairros periféricos de Porto Alegre, com diferentes

características socioeconômicas, e na região metropolitana da cidade. Em relação ao motivo da internação, seis usuários sofreram de episódio depressivo grave, uma internou por riscos relacionados a um transtorno alimentar e os outros três internaram por quadro psicótico, sendo que dois deles também tinham agravos relacionados ao uso de álcool e outras drogas. Entre os participantes, somente um deles realizava acompanhamento em um CAPS. Todos moravam com algum familiar, com exceção de um que vivia em situação de rua. Em relação aos aspectos éticos, a pesquisa foi aprovada sob o número





140691, pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. A partir da leitura das entrevistas transcritas, as autoras delimitaram alguns conteúdos que emergiram mais de uma vez nas respostas dos participantes, com algumas particularidades na frequência com que emergiam, quando comparadas as respostas de um grupo e outro. Com base nisso, foram criadas duas categorias de análise: “Relação com a doença e os serviços de saúde” e “Vínculo com o bairro e pessoas ao redor”. O estudo compreendeu que aqueles usuários com mais internações – que, consequentemente, lidam com sua

doença há mais tempo – acabam restringindo sua vida social por conta da doença. Pode-se pensar que os próprios sintomas (comportamentos fóbicos, estados paranóides ou depressivos, por exemplo) levam o sujeito ao isolamento.

Muitas diferenças também puderam ser percebidas ao comparar as visões de um grupo e outro sobre sua vida em comunidade, porém houve uma resposta quase unânime: todos os participantes relataram gostar do lugar onde moram e expressaram sentimentos de identificação com o seu bairro, exceto um deles, que tinha uma peculiaridade que certamente justifica essa diferença – ele era uma pessoa vivendo em situação de rua. Esse usuário, porém, recordou o tempo em que viveu por 14 anos no mesmo bairro, em uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, e relatou uma experiência muito positiva, deixando evidente, inclusive, a associação entre a mudança desse bairro e o início dos sintomas e internações.

Os resultados mostraram que a comunidade é uma potente fonte de ajuda em situações de crise, porém usuários com múltiplas internações têm essas redes enfraquecidas e um afastamento maior da Atenção Básica, em relação aos usuários de primeira internação. Dessa forma, a família se torna a principal fonte de apoio, o que gera sobrecarga, e o hospital ganha um status diferenciado na vida desses usuários, considerado a única alternativa em situações de crise.

LUÍSA HORN DE CASTRO SILVEIRA | UFRGS
luisahsilveira@gmail.com

CRISTIANNE MARIA FAMER ROCHA | UFRGS
cristianne.rocha@ufrgs.br

KÁTIA BONES ROCHA | PUCRS
katiabonesrocha@gmail.com

GABRIELA LEMOS DE PINHO ZANARDO | PUCRS
gabrielazanardo@hotmail.com

Sugestões

Envie sugestões de artigos científicos para serem divulgados neste espaço para imprensa@crprs.org.br. As sugestões serão avaliadas e selecionadas pela Comissão Editorial do EntreLinhas.

entrelinhas

ano XVII | nº 75 | jan/fev/mar/abr 2017



Mala Direta Postal
Básica

9912323789/2013-DR/RS
CRPRS

...CORREIOS...



sistema penal e reforma psiquiátrica



Segurança Pública | Acompanhamento Terapêutico | Dicas culturais | População Trans